

Reflexão Estética da Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Reflexão Estética da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R332	Reflexão estética da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-428-3 DOI 10.22533/at.ed.283192506 1. Literatura – Estética. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos literários têm sido utilizados com as mais variadas funções no processo de ensino e aprendizagem. São utilizados para trabalhar as habilidades de leitura, escrita e reflexão nas ações de alfabetização e letramento dos sujeitos.

A variedade dos textos literários no processo de formação linguística é bastante ampla. Para citar apenas alguns estilos de textos literários, temos, as poesias, os poemas, os sonetos, os romances, os contos, as crônicas entre outros.

São discutidas, neste livro, as questões literárias do ponto de vista da estética, sobretudo da análise de obras literárias no processo de formação e educação da sensibilidade dos sujeitos, tanto na escola quanto fora dela, por isso, esta obra revela doze trabalhos reflexivos aos leitores e aos interlocutores que queira se aventurar no mundo do conhecimento, conforme serão apresentadas a sínteses, a seguir.

No primeiro capítulo é oferecida uma nova possibilidade de análise do monólogo interior de Addie Bundren, personagem central de *Enquanto agonizo*, romance de William Faulkner, publicado em 1930. No segundo capítulo, a autora estabelece uma relação entre texto e imagem na obra *Simbad, o Marujo*, obra anônima e adaptada por Ana Maria Machado.

A autora do terceiro capítulo discute a resistência da poesia no meio capitalista, em que se prioriza o material em detrimento da emoção humana. No quarto capítulo, o autor analisa contos de *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa, obra publicada pela primeira vez em 1962.

No quinto capítulo, a autora rediscute os desafios do texto, partindo de uma temporalidade como componente essencial da narrativa. O autor do sexto capítulo traça algumas considerações sobre o espaço, visando estender o problema para as literaturas minoritárias em geral.

No sétimo capítulo, a autora investiga o contexto de elaboração escrita em *O chão dos pardais*, de Dulce Maria Cardoso, de Gonçalves Neto e Gama. A autora do oitavo capítulo demonstra como o duplo sedimenta a ocorrência do narcisismo, materializando-se no personagem Dorian Gray.

O autor do nono capítulo além de relatar tem a função de inspirar outros docentes do Ensino Fundamental II quanto à aplicação do livro-jogo em sala de aula. No décimo capítulo, o autor discorre sobre o inconsciente político de Juan Rulfo, com o objetivo de elucidar as questões do mundo rural presente em Pedro Páramo.

No décimo primeiro capítulo o autor problematiza as concepções estéticas na formação de plateia para o teatro, apresenta os elementos que compõem a cena teatral, além de fundamentar o papel importante da instituição escolar na formação de público para o teatro. E, por fim, no décimo segundo capítulo o autor investiga a formação da identidade goiana manifestada em noções de *atraso e progresso* contidas na obra *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos.

Assim, todos os trabalhos apresentam diferentes estéticas, teorias e práticas,

estabelecem a ampliação das reflexões, problematizam as investigações, além de ensinar outras poéticas literárias.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ADDIE BUNDREN NO REINO DO INDECIDÍVEL: UMA LEITURA DESCONSTRUTIVA DE WILLIAM FAULKNER	
Leila de Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.2831925061	
CAPÍTULO 2	14
SIMBAD, O MARUJO: TECENDO RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM	
Jaqueline de Carvalho Valverde Batista	
DOI 10.22533/at.ed.2831925062	
CAPÍTULO 3	34
RENATO RUSSO E A POESIA DE RESISTÊNCIA EM O DESCOBRIMENTO DO BRASIL E GIZ	
Elisângela Maria Ozório	
DOI 10.22533/at.ed.2831925063	
CAPÍTULO 4	46
FIGURAÇÃO DA INFÂNCIA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925064	
CAPÍTULO 5	61
O ESPAÇO EM <i>A PAIXÃO SEGUNDO G.H</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Gilda Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.2831925065	
CAPÍTULO 6	70
ESPAÇO E EXIGUIDADE NA CARACTERIZAÇÃO DAS LITERATURAS MINORITÁRIAS	
Nelson Luís Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2831925066	
CAPÍTULO 7	81
A INVERSÃO DAS MÁXIMAS EM OS MEUS SENTIMENTOS, DE DULCE MARIA CARDOSO	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
DOI 10.22533/at.ed.2831925067	
CAPÍTULO 8	92
O LIVRO-JOGO COMO ATRATIVO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925068	
CAPÍTULO 9	101
O INCONSCIENTE POLÍTICO NAS QUESTÕES SOBRE O MUNDO RURAL EM PEDRO PÁRAMO	
Renner Coelho Messias Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2831925069	

CAPÍTULO 10	113
ESTÉTICAS NA FORMAÇÃO DE PLATEIA PARA O TEATRO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.28319250610	
CAPÍTULO 11	122
IDENTIDADE GOIANA E O MITO DO ATRASO NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS	
Thiago Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.28319250611	
SOBRE O ORGANIZADOR	132

O INCONSCIENTE POLÍTICO NAS QUESTÕES SOBRE O MUNDO RURAL EM PEDRO PÁRAMO

Renner Coelho Messias Alves

Secretário Executivo da Reitoria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Discente do Programa de Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).
rennercma@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa discorre sobre o inconsciente político de Juan Rulfo, com o objetivo de elucidar as questões do mundo rural presente em *Pedro Páramo*. A proposição desta investigação se pauta pelo inconsciente político de Rulfo ao tratar da história de personagens sujeitos aos mandos e desmandos da poderosa patriarcal família latifundiária mexicana, proprietária da fazenda Media Luna. Nessa perspectiva, Rulfo articula uma narrativa delineada em digressões, pensamentos, relatos, enfim, confissões dos personagens, os quais, já mortos, não se encontram mais subjugados às condições terrenas de sofrimento que lhes eram impostas. Assim, por meio do povo, Juan Rulfo trabalha o dito é o não dito, realidades percebidas pelos personagens secundários, sentimentos e traumas despertados nas cenas vivenciadas e contidos diante do lugar social em que se encontram os personagens. Por intermédio de páginas condensadas, a obra rulfiana envolve

literatura embebida no inconsciente político de crítica social. Nesse sentido, a pesquisa procurou elucidar as questões tangentes ao mundo rural presente em *Pedro Páramo*, de maneira a correlacionar o texto e seu contexto camponês de produção. Com algumas temáticas realizaram-se aproximações da ficção com a realidade mexicana, ao passo que explorasse na América Latina outros temas presentes na narrativa. A partir de sua arte redacional, Rulfo uniu literatura e sociologia rural, com destaques para o local e o universal. A atualidade da obra e sua universalidade propicia ampla gama de investigações, sobretudo no que diz respeito a mundo rural, nação e literatura. Condensado e frutífero a infinitas interpretações, *Pedro Páramo* é uma fonte de pesquisa científica que está longe de ser exaurida, sobretudo quando se trata de manifestações artísticas como atos socialmente simbólicos.

PALAVRAS-CHAVE: Mundo rural. Atores rurais. Inconsciente político. Literatura. Pedro Páramo.

1 | NOTAS SOBRE JUAN RULFO E SEU LEGADO

Esta pesquisa discorre sobre o inconsciente político de Juan Rulfo, com o objetivo de elucidar as questões do mundo rural presente em *Pedro Páramo*. Ao escritor

mexicano Juan Nepomuceno Carlos Pérez Rulfo Vizcaíno (Juan Rulfo) foram dedicados homenagens e reconhecimento internacional por suas obras literárias. Nascido em 11 de maio de 1917, Rulfo é natural da cidade de Sayula, província de Jalisco, no interior da região oeste do México, localizada a cerca de 660 km da capital do país (GLANTZ, 2004). Seu estilo redacional rompeu com as noções de tempo e espaço de sua época, de maneira que seus livros se convertessem em um labirinto temporal, com tênue fronteira entre o real e o imaginário, a vida e a morte (DECRETO Nº 21.788, DE 16 DE JANEIRO DE 2007).

Ao longo de seus 68 anos, com falecimento em 7 de janeiro de 1986, na cidade do México, Rulfo se consagrou como autor de uma pequena obra, em termos de contagem numérica de títulos publicados. Segundo Glantz (2004, p. 504, grifo do autor, tradução nossa), foram publicadas “um livro de contos, *El Llano en llamas* (1953); uma novela, *Pedro Páramo* (1955)”, além de dois roteiros de filmes (*El gallo de oro*, 1960, e *La fórmula secreta*, 1965) e outros fragmentos publicados em revistas. Em momento póstumo, ainda de acordo com Glantz (2004), foram lançados os rascunhos de textos produzidos por Rulfo, compilados sob o título de *Cuadernos* (1994), anotações indispensáveis para a compreensão do processo de criação do literato mexicano.

A produção numérica de textos de análises sobre Juan Rulfo supera a quantidade de obras assinadas pelo autor. Em edição especial, Fell (1997) reuniu em 481 páginas todas as obras, relatos autobiográficos, discursos e conferências de autoria de Juan Rulfo. Considerando exclusivamente o livro *Toda la obra – Juan Rulfo* (FELL, 1997), composto por mais de 550 páginas, o que representa mais da metade da impressão, é dedicada a textos críticos cujo objeto consiste nas obras rulfianas. Apesar desses dados de produção, o legado do escritor mexicano perdura si longo de décadas, sendo objeto de releituras, interpretações e análises por pesquisadores e leitores interessados em prestigiar o singular encadeamento da narrativa rulfiana.

Esta pesquisa, por sua vez, tem como fonte de análise o livro *Pedro Páramo* (RULFO, 2008). A obra destaca a região rural da província de Jalisco, mais precisamente, as redondezas de Comala, um vilarejo do mundo rural mexicano, o qual, em certa medida, detém escassa aproximação ao progresso representado pelas cidades da época. A narrativa realista mágica divulga o nome do povoado e revela seus municípios circunvizinhos, o que permite encontrar direta correlação entre a ficção e as reais localizações geográficas do México. Com essa conjuntura, o literato alude a tantos outros vilarejos interioranos mexicanos que, de fato, existem, e tece o enredo a partir da mescla entre realidade e fantasia.

A proposição desta investigação se pauta pelo inconsciente político de Rulfo ao tratar da história de personagens sujeitos aos mandos e desmandos da poderosa patriarcal família latifundiária, proprietária da fazenda Media Luna. Nessa perspectiva, Rulfo articula uma narrativa delineada em digressões, pensamentos, relatos, enfim, confissões dos personagens, os quais, já mortos, não se encontram mais subjugados às condições terrenas de sofrimento que lhes eram impostas. Para tratar do inconsciente

político, nas premissas apresentados por Jamerson (1992), foi dedicada mais adiante uma sessão exclusiva de análise dessa vertente do livro *Pedro Páramo*. Assim, cada acontecimento em *Pedro Páramo* está longe de ser tecido como mera semelhança, pois os atores sociais do mundo rural mexicano são travestidos em personagens, de maneira a lhes serem dada voz, ecoada contextualmente em um plano político inconsciente.

Em um ambiente permeado por atrocidades em *Pedro Páramo*, Rulfo (2008) apresenta ao leitor a sucessão de episódios fragmentados e complementares. Nas primeiras páginas, os acontecimentos são apresentados em interruptas pinceladas, com a aparência inicial de aleatoriedade, mas, ao se embrenhar cada vez mais na narrativa, ao leitor são apresentadas referências para identificar as conexões entre as partes entrecortadas e complementares do enredo. De forma dinâmica, é explorado o silêncio dos personagens, os quais, por vezes, encontram-se reticentes diante da dualidade entre o que realmente desejariam realizar e a imposição da conjuntura a ser admitida, sem pestanejar. Os parágrafos enxutos lapidam a concisão, no entanto, existem desfechos em abertos para a interpretação e a interação a partir do leitor, composição que confere à obra uma condição de infinita e inacabada.

Em *Pedro Páramo*, evidencia-se também a quem é concedido transgredir as regras sociais. No contexto rural da narrativa, as normas direcionadas ao povo acabam por não receberem a mesma adesão por parte da classe dominante, a qual, por conseguinte, apresenta-se com uma frágil autoridade baseada em brutalidades cometidas constantemente contra o povo. Assim, por meio do povo, Juan Rulfo trabalha o dito é o não dito, realidades percebidas pelos personagens secundários, sentimentos e traumas despertados nas cenas vivenciadas e contidos diante do lugar social em que se encontram os personagens.

2 | AS VOZES DOS ATORES RURAIS OPRIMIDOS

Ao revelar cenas do interior mexicano, Rulfo projetou a realidade do cenário latino-americano juntamente com outros autores engajados em retratar as condições sociais existentes nos sertões de seus países. Respeitada a singularidade de cada escritor, estes autores, entre outros artistas, trataram de revelar os sertões de suas nações latino-americanas: a) Argentina – Domingo Faustino Sarmiento (2010); b) Colômbia – Gabriel García Márquez (2010); c) Brasil – Euclides da Cunha (1999, 2000, 2017), Graciliano Ramos (1993) e João Guimarães Rosa (2001); d) Cuba – Alejo Carpentier (1989); e, e) México – Mariano Azuela (1997).

A narrativa de *Pedro Páramo* inicia com uma espécie de convite ao leitor para se aventurar na busca pelo pai de um personagem identificado posteriormente como Juan Preciado. Em suas páginas, o livro é preenchido por simbolismos que ilustram a vida dos personagens. Já nas primeiras partes do manuscrito, o clima quente da região de

Comala alude ao inferno: “Aquele era o tempo da canícula, quando o ar de agosto sopra quente, envenenado pelo odor apodrecido das flores do sabão-de-macaco” (RULFO, 2008, p. 11). Assim como em outros diversos trechos, as concepções de inferno e purgatório são destacadas na narrativa, a exemplo deste entrecorte da fala de Juan Preciado, ao descrever sua ida a Comala: “Depois de varar os montes, descemos cada vez mais. Havíamos deixado o ar quente lá de cima e fomos nos afundando no puro calor sem ar. Tudo parecia estar à espera de alguma coisa” (RULFO, 2008, p. 12).

A partir dessa simbologia inicial presente no enredo mexicano, ao leitor é revelado o inconsciente político literário de Rulfo a respeito da travessia realizada por seus personagens pelos infernos terrestre e espiritual. Para tanto, nesta pesquisa é admitida a premissa “de que nada existe que não seja social e histórico – na verdade, de que tudo é, ‘em última análise’, político” (JAMERSON, 1992, p. 18). Com isso, são considerados em *Pedro Páramo* os “múltiplos caminhos que conduzem à revelação dos artefatos culturais como atos socialmente simbólicos” (JAMERSON, 1992, p. 18). Nessa medida, o texto rulfiano projeta um contexto, inebriado por escolhas e intencionalidades provenientes do autor.

Uma dessas escolhas é percebida nos sentidos assumidos nos vocábulos “Pedro” e “Páramo”, termos componentes do nome de um personagem que também dá título à obra. Com base nas considerações de Franca (1934), ao termo “Pedro” é atribuído o sentido de “fragmento de pedra” ou “pedrinha”, sendo registrado em textos bíblicos com tradução para o grego, “Petros”, e para o latim, “Petrus”. Por sua vez, o vocábulo “páramo”, empregado no sobrenome do personagem rulfiano, versa sobre “1. Planície deserta. 2. Campo situado no alto dos Andes (América do Sul). 3. Abóbada celeste; céu, firmamento” (MICHAELIS, 2019). Essas acepções contribuem para a compreensão dos símbolos envoltos no personagem Pedro Páramo, em teor parafraseado, uma pessoa constante, rígida, insensível, reconhecida autoridade na região de Comala.

Detentora do latifúndio Media Luna, a família patriarca Páramo mantém sua influência nas redondezas de Comala. Dom Lucas, seu filho Pedro e seu neto Miguel surgem como os comandantes das terras pertencentes à família Páramo. Nesse ambiente rural, Rulfo denuncia as formas indevidas empregadas na manutenção e ampliação das posses rurais dos Páramos. Em alguns trechos, deliberadamente, Pedro Páramo determina a seu capataz, Fulgor Sedano, a ampliação imprópria das divisas: “Semana que vem você vai ver Aldrete. E diz a ele que recolha a cerca. Invadiu terras da Media Luna” (RULFO, 2008, p. 31). Quando aventada a regularidade das marcações realizadas pelo proprietário limítrofe à Media Luna, Pedro Páramo reforça seu autoritarismo nos dizeres “Que leis, Fulgor? A lei, de agora em diante, nós é que fazemos. Você tem algum cabra valentão trabalhando na Media Luna?” (RULFO, 2008, p. 31).

Além da apropriação de terras do personagem Aldrete, Pedro Páramo também

investiu nessa mesma modalidade de anexação de novas áreas de produção. No excerto, a seguir, Pedro Páramo, por meio da mensagem de Fulgor Sedano, assume os terrenos de Galileo simplesmente pela determinação oral de venda e compra de posse, sem que essa transação fosse realmente tratada e tampouco efetivada com o real proprietário.

– E quem foi que disse que a terra não é minha?

– O que se afirma por aí é que você vendeu para Pedro Páramo.

– Eu nem cheguei perto desse senhor. A terra continua sendo minha.

– Isso é o que você diz. Mas por aí o que se diz é que tudo é dele.

– Pois que venham dizer a mim.

– Olha bem, Galileo, eu, aqui em confiança, aprecio você. Não é à toa que você é o marido da minha irmã. E que você a trata bem, não há quem duvide. Mas não venha me negar que vendeu as terras.

– Estou dizendo que não vendi.

– Só que elas são de Pedro Páramo. Na certa ele decidiu assim. Dom Fulgor não veio ver você?

– Não.

– Na certa você vai ver ele chegando amanhã. Se não amanhã, qualquer outro dia.

– Pois me mata ou morre; mas não vai sair do jeito que chegou.

– *Requiescat in pace*, amém, cunhado. Por via das dúvidas.

– Pode deixar, que você vai voltar a me ver. Não se preocupe por mim. Não foi à toa que minha mãe curtiu bem meu couro, para que aguentasse.

– Até amanhã então. Diga a Felicitas que esta noite não venho jantar. Eu não gostaria de poder contar depois: “Eu estive com ele na véspera.” (RULFO, 2008, p. 33-34)

Ainda em referência ao diálogo de anúncio de apropriação de terras, ressalta-se a resistência do personagem Galileo em ser conivente com as ordens de Pedro Páramo. Por sua vez, Galileo destaca que a venda de suas terras jamais fora realizada. Por conseguinte, ainda nesse trecho, Fulgor Sedano prenuncia ao cunhado Galileo que o descumprimento do desejo de Dom Pedro acarretará na morte do resistente.

Também de maneira abusiva e manipuladora, a extensão das ações de Pedro Páramo perpassava pela suspeita de prática de grilagem de terra. De maneira a contemplar essas evidências de grilagem, cita-se o encontro do doutor Gerardo Trujillo com Pedro Páramo. Na ocasião, papéis são devolvidos para a custódia de Pedro Páramo, com reafirmação da autoridade do latifundiário: “Você disse bem, Gerardo.

Deixa tudo aqui. Vou queimar os papéis. Com papéis ou sem eles, quem pode discutir comigo a propriedade do que tenho?” (RULFO, 2008, p. 66). Em resposta afirmativa, o interlocutor reforça: “Sem sombra de dúvida, ninguém, dom Pedro. Ninguém. Com licença” (RULFO, 2008, p. 66). Pelo discurso da obra, depreende-se que “os papéis” equivalem a “documentos de posse”, “escrituras” e outros exemplos congêneres.

Ainda sobre a reflexão de grilagem de terras, constatam-se a universalidade e atualidade do tema mencionado por Rulfo (2008). Nos termos de Oliveira (2019), atualmente, “a prática da grilagem foi se sofisticando. Agora, não é mais necessário envelhecer os documentos com a ajuda dos grilos. A estratégia passou a ser a de tentar regularizar as terras por meio de ‘laranjas’, via falsas procurações”. Seja no contexto da obra, início do século XX (RULFO, 2008), seja no início do século XXI (OLIVEIRA, 2019), ainda perdura-se a grilagem de terras na América Latina.

Para além da grilagem de terras, na obra rulfiana, há compartilhamento universal de traços da ideia de sertão latino-americano, no entendimento de vasto mundo rural. Nesse sertão, além das intempéries da natureza, a brutalidade do homem também é evidenciada. No caso brasileiro, ademais da semelhança com *Pedro Páramo*, no aspecto da estrutura narrativa baseada em encaixes de histórias, em *Grande Sertão: Veredas*, João Guimarães Rosa (2001) também anuncia a perversidade de pessoas poderosas, com indícios de submissão até de divindades diante de barbáries praticadas nos sertões (PEREIRA, 2006).

Mas, as barbaridades que esse delegado fez e aconteceu, o senhor nem tem calo em coração para poder me escutar. Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... (ROSA, 2001, p. 35).

Barbaridades praticadas no sertão, conforme elucidou João Guimarães Rosa (2001), subjogavam a munição de armas de fogo ao nível de perversidade praticada. Com a expressão “pedacinhozinho de metal”, a bala tem seu efeito mortífero atenuado diante da maldade praticada por homens no sertão. A proximidade das obras *Pedro Páramo* (RULFO, 2008) e *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001) também foi objeto de investigação da pesquisadora Pereira (2006). Na visão de Pereira (2006), as características dessas obras, guardadas suas singularidades, as configuram como universais.

De maneira também análoga a *Pedro Páramo*, Domingo Faustino Sarmiento (2010), na obra *Facundo*, ressalta a truculência nas ações e expedições no interior argentino comandadas por Juan Manuel de Rosas e Juan Facundo Quiroga.

Quiroga, el campeón de la *causa que han jurado los pueblos*, como se estila decir por allá, era bárbaro, avaro y lúbrico, y se entregaba a sus pasiones sin embozo: su sucesor no saquea los pueblos, es verdad; no ultraja el pudor de las mujeres; no tiene más que una pasión, una necesidad: la sed de *sangre humana* y la del despotismo. En cambio, sabe usar de las palabras y de las formas que satisfacen a las exigencias de los indiferentes (SARMIENTO, 2010, p. 246).

De um lado, o campesinato argentino esteve suscetível às ordens de Juan Manuel de Rosas e Juan Facundo Quiroga. Nessa perspectiva, no cenário explorado em *Pedro Páramo*, por outro lado, o campesinato mexicano das redondezas de Comala estava subjugado ao poder dos proprietários do latifúndio, a família patriarcal Páramo. Assim como em *Facundo* (SARMIENTO, 2010), as crueldades relatadas por Rulfo (2008) variam de ordens proferidas exclusivamente em palavras ao cometimento de assassinatos. Como parte dos exemplos de homicídios, cita-se o assassinato de Bartolomé San Juan, morto para que sua filha fosse amparada (e vivesse maritalmente) por Pedro Páramo.

– Você sabia, Fulgor, que essa é a mulher mais bela que se deu sobre a terra? Cheguei a acreditar que tinha perdido essa mulher para sempre. Mas agora não tenho vontade de tornar a perdê-la. Você me entende, Fulgor? Diga ao pai dela que continue explorando suas minas. E lá... imagino que seja fácil sumir com o velho naquelas bandas onde ninguém vai jamais. Você não acha?

– Pode ser.

– Precisamos que seja. Ela tem de ficar órfã. Temos a obrigação de amparar alguém. Você não acha? (RULFO, 2008, p. 56)

Tanto no excerto acima como em outros presentes ao longo de toda a obra, nota-se uma linguagem pautada na oralidade, de modo a retratar por Juan Rulfo (2008) os acontecimentos a partir das vozes dos desclassificados (PRADO JR., 1961). Os indivíduos desclassificados, na conjuntura da América Latina, ocuparam posições laborais transitórias, incertas ou definidas conforme a demanda e a oportunidade local. Surgiram, por conseguinte, do “vácuo imenso entre os extremos da escala social: os senhores e os escravos; a pequena minoria dos primeiros e a multidão dos últimos” (PRADO JR., 1961, p. 279). Dessa forma, os senhores, proprietários dos latifúndios, eram privilegiados na hierarquia social, tornando-se, posteriormente, “os dirigentes da colonização nos seus vários setores” (PRADO JR., 1961, p. 279). Já os escravos e, de certa maneira, os trabalhadores degradados, formavam a massa trabalhadora da sociedade colonial.

Nessa medida, Juan Rulfo preenche o mosaico de realidade complexa, polifônica, com vozes ecoadas ou sussurradas, a ser complementado a partir da interação do leitor com a obra. A abertura para o leitor suplementar o enredo do texto baseia-se na apresentação das questões locais ocorridas em Comala, cujas similaridades e ocorrências são identificadas em outras partes da América Latina. Assim, o local, em Rulfo (2008), está conectado com o universal. A abordagem textual da temática indígena, por exemplo, serve de evidência do registro local com extensão ao universo latino-americano.

A partir do processo de intensificação das rotas marítimas, o Novo Mundo passou por um processo civilizatório europeu. Espanhóis, franceses, holandeses, ingleses, portugueses e outros representantes das sociedades europeias deixaram o continente

de origem em direção à América. A Igreja Católica, por meio de seus missionários, foi um ator de destaque nesse processo, sobretudo quando se tem como escopo a América Latina (MOORE JR., 1967; FREYRE, 2005; VICENTINO, 2011). Dessa maneira, a Igreja realizou missões religiosas para consolidar o papel na evangelização e conversão dos indivíduos nativos aos preceitos e valores europeus.

Em *Pedro Páramo*, alguns índios viviam em Apango, outro povoado, ou seja, não viviam em Comala, local de referência para o desdobramento da história. No curto e condensado trecho pertencente aos indígenas, Rulfo (2008) os caracteriza como *outsiders* (ELIAS, 2000) em relação ao povoado de Comala, com contribuição econômica no abastecimento e comércio de vegetais, a partir de suas práticas camponesas. Além dessa integração submissa e civilizada, também é possível depreender a internalização de práticas religiosas católicas por parte dos indígenas, com explícita devoção à Maria, Santa Mãe do filho de Deus.

Os índios levantaram suas bancas quando escureceu. Entraram na chuva com seus pesados cestos às costas; passaram pela igreja para rezar à Virgem, deixando um punhado de tomilho de esmola. Depois tomaram o rumo de Apango, de onde tinham vindo. “Então será outro dia”, disseram. E pelo caminho iam contando piadas e soltando gargalhadas (RULFO, 2008, p. 57).

A figura católica da Santa Mãe de Jesus, presente no trecho acima apontado, “passaram pela igreja para rezar à Virgem” (RULFO, 2008, p. 57), evidencia a europeia incorporação religiosa pelos indígenas mexicanos. Ainda nesse mesmo trecho da obra, Rulfo emprega uma de suas recorrentes estratégias redacionais, o humor nas tragédias. Depois de ressaltar a devoção indígena à materna santidade católica, a oferenda apresentada pelos fiéis indígenas destoa das habituais ofertas, pois, “deixando um punhado de tomilho de esmola” (RULFO, 2008, p. 57). Em vez das tradicionais homenagens com materiais preciosos, ouro, prata e outros itens, Rulfo (2008) produz o efeito de humor trágico ao ressaltar que a oferenda indígena não detinha elevado poder econômico, mas consistiam em ervas aromatizantes de maior valor possuído por eles, uma singela e devota oblação.

Além desse humor trágico presente na católica devoção indígena, outro exemplo também é encontrado por ocasião da morte do filho de Pedro Páramo, o único reconhecido como tal, Miguel Páramo. Nesse caso, o humor de pauta na ausência de contribuição humana para a consumação da morte, posto que os ferimentos causados pela queda do cavalo foram a causa. Assim como o pai, Pedro Páramo, Miguel colecionava assassinato, comportamentos soberbos com seus súditos e exploração sexual destinadas às moças do povoado. O seu falecimento simboliza a celebração de vingança por parte das vítimas, a exemplo da manifestação do Padre Rentería para com sua sobrinha violentada sexualmente pelo falecido: “Vamos dar graças a Deus Nosso Senhor porque o levou desta terra onde causou tanto mal, e não importa que agora o tenha em seu céu” (RULFO, 2008, p. 25).

E por falar no Padre Rentería, nele se encontra mais um ponto a ser explorado

na magnífica obra literária de Rulfo (2008). O microcosmo social da Igreja Católica em Comala é retratado como refúgio daqueles que penam, seja ainda em vida, como é o caso dos pobres explorados e, ou, violentados pelos Páramos, seja em morte, com absolvições e pedidos de orações destinados à salvação de almas. Nesse cenário, Rulfo (2008), de um lado, revela a orientação espiritual ministrada pelo Padre Rentería para o caminho a ser percorrido por seus fiéis.

No entanto, por outro lado, mais uma vez explorando a multiplicidade simbólica rulfiana, as atitudes do sacerdote condizem com o significado de seu nome. Na língua espanhola, *rentar* provém de *renta*, o que produz ou rende benefício ou utilidade (RAE, 2019). Assim, de maneira análoga, o substantivo próprio “Rentería” assume a representação de auferibilidade de rendimentos. Nesse sentido, o Padre Rentería tende a exercer o sacerdócio e a conceder os sacramentos católicos (absolvição dos pecados, extrema unção, intercessão pelas almas do purgatório, entre outros) em razão dos proventos que lhe são apresentados pelos fiéis.

Como no enredo apenas os latifundiários Páramos detinham poder econômico, recebiam concessões sacramentais com base em doações para a Igreja, ou, em alguns casos, com base apenas em promessas de doações. Essa intencionalidade de renda religiosa pode ser notada no casamento atropelado de Pedro Páramo e Dolores Preciado, professado para ocorrer em dois dias.: “O padre quer 60 pesos para passar por cima dos proclamas. Disse a ele que no devido tempo iria ter o que pediu” (RULFO, 2008, p. 31).

De maneira diametralmente oposta, os fiéis desprovidos de bens materiais não recebiam a atenção do sacerdote, a exemplo da conversação entre o padre e a clemente irmã de uma suicida:

“– Talvez se a gente rezar muito.

“– Pois vamos rezando muito, padre.

“– Digo talvez, quem sabe?, com as missas gregorianas; mas para isso precisamos pedir ajuda, mandar vir sacerdotes. E tudo custa dinheiro.

“Lá estava, na frente dos meus olhos, o olhar de Maria Dyada, uma pobre mulher cheia de filhos.

“– Não tenho dinheiro. O senhor sabe disso, padre.

“– Então vamos deixar as coisas do jeito que estão. Vamos esperar em Deus. (RULFO, 2008, p. 26).

Nos dizeres do padre Rentería, se “tudo custa muito dinheiro” (RULFO, 2008, p. 26), somente aos endinheirados cabem prerrogativas sacramentais. Sem os recursos monetários, resta apenas “esperar em Deus” (RULFO, 2008, p. 26), sem margem para manobra na busca de soluções alternativas. Nessa vivência escassa de condições financeiras, até a sobrevivência se encontra ameaçada. Em alguns casos,

o camponês recorre ao sistema de crediário proposto pelos financiadores, comumente representados pelos latifundiários, conjuntura também elucidada por Candido (2010).

Nesse contexto, *Pedro Páramo*, mais uma vez, menciona o cotidiano de financiamentos obtidos pelos camponeses mexicanos.

– E aproveita para fazer o mandado completo, e peça a ela que nos empreste uma peneira e uma podadeira; do jeito que as plantas cresceram, já, já se metem em tudo. Se eu tivesse minha casa grande, com aqueles currais grandes, não estaria me queixando. Mas seu avô empacou nessa ideia de virmos para cá. Que seja tudo por Deus: as coisas nunca saem do jeito que a gente quer. Diga a dona Inés que na colheita a gente paga tudo que deve (RULFO, 2008, p. 17).

Nessa passagem, destaca-se a emblemática “casa grande”, representação da pujança sede latifundiária, com opulência sobre a senzala, local atribuído aos cativos. Os estudos de Freyre (2005) apresentam, no contexto brasileiro, a sociologia do universo da casa-grande e da senzala. Apesar de Freyre (2005) ter como escopo o mundo rural de produção de cana-de-açúcar no brasileiro estado do Pernambuco, a configuração explorada pelo autor se estende a diversas regiões da América Latina, as quais também tiveram influências europeias sobre a organização produtiva. Dessa maneira, mais uma vez, Rulfo (2008) observa a composição social do mundo rural mexicano, constituição local que se torna universal ao ser encontrado em outros ambientes latino-americanos.

A partir da insatisfação dos personagens que sobreviviam em condições miseráveis, Rulfo (2008), ainda em alusão ao trecho acima, evidencia as dívidas contraídas a serem pagas com a colheita. Ao ressaltar que “na colheita a gente paga tudo que deve” (RULFO, 2008, p. 17), o autor de *Pedro Páramo* adiciona mais elementos à situação campesina mexicana. Gradualmente, ao longo da obra, inúmeros descontentamentos camponeses são apresentados, mormente as insatisfações daqueles submetidos aos latifúndios. Assim, as derradeiras páginas rulfianas apontam nomes da Revolução Mexicana, fato que, em termos literários, serve de marco temporal aproximado em que se passa o enredo, início do século XX.

Além da Igreja, do governo e dos camponeses, Rulfo (2008) cita como atores do mundo rural os protagonistas da Revolução Mexicana. Carranza, Obregón e Pancho Villa são mencionados nas páginas rulfianas como partícipes do principal evento histórico mexicano (VICENTINO, 2011). Nessa medida, Rulfo (2008) valoriza a ideia de nação mexicana a partir de vozes camponesas, presença marcante no interior de seu país, com destaque para as lutas pautadas na reforma agrária e da preservação das tradições indígenas. Com isso, a narrativa, nos termos de Eagleton (2006), se revela como um ato socialmente simbólico, derivado das experiências históricas e suas formas estéticas vivenciadas por Juan Rulfo.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio de páginas condensadas, a obra rulfiana (RULFO, 2008) envolve literatura embebida no inconsciente político de crítica social. Esta pesquisa procurou elucidar as questões tangentes ao mundo rural presente em *Pedro Páramo*, de maneira a correlacionar o texto e seu contexto camponês de produção. Com algumas temáticas realizaram-se aproximações da ficção com a realidade mexicana, ao passo que explorasse na América Latina outros temas presentes na narrativa. A partir de sua arte redacional, Rulfo uniu literatura e sociologia rural, com destaques para o local e o universal.

Distante da presunção de esgotar toda a discussão pertinente a *Pedro Páramo*, esta investigação priorizou suscitar os atores sociais suscitados como personagens no contexto rural rulfiano. Além da Igreja, do governo e do latifundiário, Rulfo (2008) privilegiou os camponeses oprimidos, incluindo-se os indígenas, conforme discutido nas sessões anteriores. Com a magia de envolver literatura e sociologia rural, depreende-se que Rulfo (2008) também fundiu a realidade e a ficção em sua produção textual.

Com a certeza da possibilidade de novas perspectivas de análise sobre *Pedro Páramo*, novas pesquisas devem ser estimuladas. A atualidade da obra e sua universalidade propicia ampla gama de investigações, sobretudo no que diz respeito a mundo rural, nação e literatura. Estudos baseados em metodologia comparativa, certamente, servirão para expor ainda mais o legado rulfiano sobre temáticas pertinentes aos países latino-americanos. Condensado e frutífero a infinitas interpretações, *Pedro Páramo* é uma fonte de pesquisa científica que está longe de ser exaurida, sobretudo quando se trata de manifestações artísticas como atos socialmente simbólicos.

REFERÊNCIAS

AZUELA, M. **Los de abajo**. 12^o ed. Madrid: Ediciones Catedra, 1997.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito** - estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARPENTIER, A. Écúe-Yamba-Ó. Tradução de Mustafa Yazbek. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CUNHA, E. R. P. À margem da história. São Paulo: WMF MARTINS FONTES, 1999.

_____. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2017.

_____. **Um paraíso perdido**: reunião dos ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hilton Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura** – uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma

pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000

FELL, C. (coord.). **Toda la obra** – Juan Rulfo. 1. reimp. Madrid: ALLCA XX, 1997.

FRANCA, L. **A Igreja, a Reforma e a Civilização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1934.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. ver. São Paulo: Global, 2005.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **La mala hora**. 5. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

GLANTZ, M. Juan Rulfo. In: MARTÍNEZ, J. L. (ed.). **Semblanzas de académicos** - antiguas, recientes y nuevas. México: Fondo de Cultura Económica: Academia Mexicana de la Lengua (AML), 2004. p. 504-507.

JAMESON, F. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MÉXICO. Decreto nº 21.788, de 16 de janeiro de 2007. Se declare Jalisciense “Benemérito Ilustre” al escritor Jalisciense Juan Rulfo, por su valiosa contribución a la literatura mexicana, hispano-americana y Universal. Guadalajara, Jalisco, Poder Legislativo dos Estados Unidos Mexicanos, 2007.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/páramo/>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

MOORE JR., B. **As origens sociais da ditadura e da democracia**: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. Tradução de Maria Ludovina F. Couto. Boston (EUA): Beacon Press, 1967.

OLIVEIRA, A. U. Grilagem de terras: a raposa e o galinheiro. Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, **Instituto Polis**, ed. 20, mar. 2009. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-raposa-e-o-galinheiro/>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

PEREIRA, P. R. A. A. De Comala para o sertão: diálogos entre Juan Rulfo e Guimarães Rosa. **Graphos**, n. Especial, 2006. p. 71-75

RAMOS, G. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 1993.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE). **Diccionario de la lengua española**. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=VyLPyv6>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RULFO, J. **Pedro Páramo**. Tradução e prefácio de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SARMIENTO, D. F. **Sarmiento ou civilização e barbárie**. Trad. Sérgio Alcides. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

VICENTINO, C. **História geral**. atual. Rio de Janeiro: Scipione, 2011.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-428-3



9 788572 474283